



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CAMPUS FACULDADE DA CEILÂNDIA – FCE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

PRISCILLA SILVA DE MACEDO

A MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA SOB O OLHAR DA TERAPIA  
OCUPACIONAL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Brasília – DF

2021

PRISCILLA SILVA DE MACEDO

A MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA SOB O OLHAR DA TERAPIA  
OCUPACIONAL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de Brasília –  
Faculdade de Ceilândia como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Terapia Ocupacional

Professora Orientadora: Vanina Tereza  
Barbosa Lopes da Silva

Brasília – DF

2021

## RESUMO

**Introdução:** A população de rua se caracteriza como um grupo heterogêneo, que tem como vínculo a pobreza extrema, relacionamentos fragilizados ou rompidos. Nas ruas, existem uma maior porcentagem de homens, comparados às mulheres. É importante que a Terapia Ocupacional se aproxime dessas mulheres no campo prático e de pesquisa. **Objetivo:** Trazer o olhar da terapia ocupacional em relação às mulheres em situação de rua. **Método:** Abordagem qualitativa, com base na revisão narrativa. A coleta de dados foi realizada em revistas da terapia ocupacional, tendo como critério a relação atuação da terapia ocupacional, com mulheres em situação de rua. Os dados foram coletados através da Análise Temática, em que resultou em duas categorias. **Resultados:** Foram selecionados dois artigos que se adequou a temática da revisão. Através do quadro foi apresentado o título, objetivo, abordagem, periódico e ano dos dois artigos escolhidos. **Discussão:** a partir dos artigos escolhidos que teve como base para elaboração dos núcleos temáticos: A perspectiva de gênero nas ruas e a atuação da Terapia Ocupacional nas mulheres em situação de rua. Observou-se que as mulheres vivenciam uma exclusão da sociedade devido á desfiliação e vulnerabilidade. **Considerações finais:** A terapia ocupacional pode ajudar essas mulheres revigorando e ressignificando o seu cotidiano, suas ocupações e sua autonomia.

**Palavras-chave:** Mulheres. Situação de rua.

### 1. INTRODUÇÃO

A população de rua se caracteriza como um grupo heterogêneo, que tem como vínculo a pobreza extrema, relacionamentos familiares e comunitários bastante fragilizados ou rompidos e moradia não habitual, de maneira que, buscam espaços públicos ou áreas degradadas para esse fim. Essa circunstância pode ser vista como temporária ou definitiva (PAULA, et al., 2018).

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), instituída pelo Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009 tem como objetivo:

assegurar o acesso amplo, simplificado e seguro aos serviços e programas que integram as diversas políticas públicas desenvolvidas pelos órgãos do Governo Federal, garante os processos de participação e controle social e possui entre seus princípios, além da igualdade e equidade, o respeito à dignidade da pessoa humana; o direito à convivência familiar e comunitária; a valorização e respeito à vida e à cidadania; o atendimento humanizado e universalizado; e o respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência.

Estima-se que o Brasil possua um contingente de 50 mil pessoas em situação de rua, sendo 82% do sexo masculino e faixa etária de 25 a 44 anos (53%). 70% exercem

alguma atividade remunerada recebendo de R\$20,00 a R\$80,00 semanais, e 70% costumam dormir na rua. Essa Política não apresenta as mulheres, quem são elas, o que fazem, onde vivem. Apenas são citadas por serem minoria, quando comparadas ao número de homens nas ruas.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU – 2015), a situação de rua é uma crise global de direitos humanos que requer uma resposta urgente. Abala os contextos socioeconômicos de todo o país. É como um fenômeno, que afeta a todos, porém de diferentes maneiras e em diferentes grupos com características comuns. É um sintoma da incapacidade dos governos de reagir as crescentes desigualdades entre as rendas, a riqueza e o acesso à terra e à propriedade, bem como incapacidade de dar uma resposta efetiva aos problemas da migração e da urbanização. “*A situação de rua se produz quando a moradia é tratada como uma mercadoria e não como um direito humano*” (ONU).

Esse tema foi escolhido devido aos poucos estudos sobre as mulheres em situação de rua com relação à terapia ocupacional e o valor que cada mulher traz. Mulheres que precisam ser vistas, escutadas, atendidas e ajudadas. É importante que a Terapia Ocupacional se aproxime desde público no campo prático, e de pesquisa. Sendo assim, é esperado que tenha um cuidado e uma assistência qualificada para com essas mulheres, visando que a Terapia Ocupacional traga um olhar amplo para cada indivíduo, em que busca entender o sujeito e suas limitações serem alcançadas de forma positiva.

Desta maneira, o trabalho em questão irá realizar a aliança entre a Terapia Ocupacional e a Mulher em situação de rua, ampliando a importância das mesmas para a sociedade. A seguinte pergunta fará o norteamento da revisão: O que a literatura da Terapia Ocupacional traz a respeito da mulher em situação de rua? Para responder essa questão, este estudo teve como objetivo trazer o olhar da terapia ocupacional em relação às mulheres em situação de rua.

## **2. METODOLOGIA**

Refere-se a uma revisão narrativa que não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Não é necessário esgotar as fontes de informações na busca pelos estudos. As estratégias de busca sofisticadas e cansativas não aplicam, causando uma melhor comodidade. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores, sendo a opinião dos autores.

É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (MATTOS, 2015, p.2).

Foi acessado em três banco de dados - revistas da Terapia Ocupacional brasileira, sendo elas, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista Institucional Brasileira de Terapia Ocupacional (REVISBRATO), Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, pois são revistas com estudos relevantes do cenário brasileiro da Terapia Ocupacional e que falam sobre o tema abordado, suscitando a pergunta norteadora: O que a literatura da Terapia Ocupacional traz a respeito da mulher em situação de rua?.

Foram utilizadas as palavras-chaves “Mulheres” e “Situação de rua”, como fonte de busca para levantamento de dados, sendo palavras que fazem parte do tema e sem delimitação de tempo, pois ficou em aberto para ter um escopo maior de material. Esse processo envolveu, seleção, leitura do título e resumos de cada artigo *relacionado* a mulher, sendo excluídos todos que não tivesse relação á resposta da pergunta primordial.

Os dados coletados para seleção dos artigos analisados, atenderam aos seguintes critérios de inclusão: tratar-se apenas a intervenção, ou pesquisa terapêutica ocupacional com mulheres em situação de rua, sem delimitação de tempo. Aos critérios de exclusão: editoriais e resumo de análise.

A princípio foram encontrados 109 artigos no total das três revistas, relacionados a mulher em si, e a população em situação de rua no geral. Desses foram selecionados apenas 5 artigos que apresentavam nos títulos alguma relação ao tema abordado, ao ler o resumo restaram 2 artigos que atendiam aos critérios de inclusão. Segue a quadro 1 – resultados da coleta de dados:

<b>109 artigos encontrados no total</b>		
<b>Separação do número total de artigos por revistas:</b>		
Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo	REVISBRATO
Palavra Mulheres: 48 artigos.	Palavra Mulheres: 22 artigos.	Palavra Mulheres: 14 artigos.

Palavras Situação de rua: 21 artigos.	Palavras Situação de rua: 8 artigos.	Palavras Situação de rua: 4 artigos.
<b>Artigos que apresentavam títulos que poderia ter relação com o tema:</b>		
2 artigos	1 artigo	3 artigos
<b>Leitura do resumo e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão</b>		
1 artigo	-	1 artigo
<b>Corpus Amostral: 2 artigos</b>		

Quadro 1 – Construída pelo autor

De acordo com o quadro 1, foram encontrados no total de todas as revistas 109 artigos. Na revista Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional com a palavra Mulheres foram encontrados 48 artigos no geral, e 21 artigos com as palavras Situação de rua. Na Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, foram encontrados 22 artigos com a palavra Mulheres e 8 artigos com as palavras - Situação de rua.

Na REVISBRATO, foram encontrados 14 artigos com a palavra Mulheres e 4 artigos com as palavras Situação de rua. Ao fazer a leitura dos títulos, observou-se que 2 artigos da revista Cadernos Brasileiros e 3 artigos da REVISBRATO poderiam ter relação com o tema, visto que falavam sobre a Terapia Ocupacional (TO), Mulheres e a Situação de rua. Na leitura dos resumos de cada um desses artigos, apenas 2 atenderam aos critérios de inclusão, sendo que correspondem a pergunta primordial.

A Análise de Dados foi realizada pela Análise Temática (AT), com base em Braun e Clarke (2006). É um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões a partir de dados qualitativos. A AT pode ser utilizada tanto através de uma abordagem indutiva e baseada nos dados - ou seja, que não pretende partir de uma grade pronta de categorias ou temas para analisar os dados, bem como dedutiva ou teórica - a qual parte de um conjunto preestabelecido de categorias ou temas bem definidos. Seja qual for a abordagem, a AT contribui pela sua praticidade e ampla aplicabilidade, pois pode ser utilizada em quase qualquer tipo de análise qualitativa.

Seguiu-se os passos por Braun e Carke (2006), da identificação, análise e interpretação. Sendo realizada uma leitura dos artigos e codificando-o em núcleos temáticos e, por último interpretando os resultados encontrados.

Foram identificados dois núcleos temáticos nos quais foram agrupados: A perspectiva de gênero nas ruas; a atuação da Terapia Ocupacional nas mulheres em situação de rua.

### 3. RESULTADOS

Através quadro 2, apresenta-se a caracterização quanto ao Título; Objetivo; Abordagem; Periódico; Ano. Possibilitando uma visão geral dos dois artigos selecionados para o referido estudo.

<b>Título</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Abordagem</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>
Desempenho Ocupacional de mulheres em situação de rua	Compreender o desempenho ocupacional, de mulheres em situação de rua.	Qualitativa	REVISBRATO	2018
Um olhar sobre as trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua	Refletir acerca das trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua a partir de um olhar pluralista sob as causas que geram a situação complexa do estar nas ruas.	Qualitativa	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	2003

Quadro 2 – Caracterização dos artigos

Quanto ao título, contém as palavras chaves selecionadas sendo: mulheres e situação de rua. Os objetivos dos autores ressaltam a vivência de mulheres nas ruas, colaborando com a temática. A abordagem de ambos é pesquisa qualitativa.

Para melhor compreensão do estudo o quadro 2 também apresenta o periódico e o ano em que foi publicado os artigos. Observou-se que de acordo com a minha leitura, 1 artigo em cada revista responde o objetivo do estudo sobre a mulher em situação de rua e existe uma diferença de 15 anos de um intervalo para o outro.

No artigo – Um olhar sobre as trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua, das autoras LOPES, E.; BORBA, L.; REIS, M., 2003 é citado um relato de três mulheres usuárias da Associação Minha Rua Minha Casa (AMRMC), que é um espaço de convivência, acolhimento, realização de tarefas cotidianas, e tentam implementar formas de emancipação e construção da cidadania de adultos em situação de rua, ali se realiza atividades culturais, de lazer e vida cotidiana (higiene pessoal e alimentação). Essas três mulheres frequentam a AMRMC e dizem como é viver nas ruas.

Já no artigo – Desempenho Ocupacional de mulheres em situação de rua das autoras PRUDENTE, T.; GONTIJO, D.; PAIVA, R., 2018 foi feita uma entrevista com 8 mulheres entre 20 e 39 anos de idade, onde relatam a vida nas ruas.

#### **4. DISCUSSÃO**

Abordaremos aqui a discussão dos dois núcleos temáticos – A perspectiva de gênero nas ruas e a atuação da Terapia Ocupacional nas mulheres em situação de rua, baseados nos dois artigos propostos.

Na perspectiva de gênero nas ruas será feita uma abordagem sobre diferença do número de homens para mulheres, as violências contra mulheres, a segurança e como vivem essas mulheres. A atuação da Terapia Ocupacional nas mulheres em situação de rua, abordará as atividades de vida diária, as atividades instrumentais de vida de diária, o desempenho ocupacional, enfim o cotidiano e suas ocupações.

##### **4.1 – A perspectiva de gênero nas ruas**

Margareth Rago (1988) enfatiza que em 1990 participou de um encontro feminista em New York, onde pela primeira vez ouviu falar das relações de gênero. A definição do termo gênero era “construção social e cultural das diferenças sexuais”, no qual trazia bastante desconforto para as mulheres. Com o tempo foram se levantando feministas que lutaram pelos seus direitos, como ganhando visibilidade em universidades e a partir dali começou a ganhar espaço nas conversas a “categoria do gênero”. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, não tem esfera separada (ARAÚJO, 2005), não se pode querer retirar as mulheres da história dos homens. Ao se falar de gênero, não se quer dizer a separação do sexo feminino ou masculino, Scott (1995), define:

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres.

"Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

A maior temática abordada nos dois artigos que teremos como enfoque foi de como a rua apresenta um cenário fortemente masculinizado e preconceituoso em relação às mulheres. As autoras trazem pesquisas e relatos de mulheres que vivem nas ruas, albergues e/ou participam de alguma associação e afirmam que a quantidade de mulheres nas ruas é muito menor que a quantidade de homens, é como se para cada quatro homens existisse uma mulher (LOPES, BORBA, REIS, 2003).

Algumas mulheres ainda não chegaram à situação de rua, isso porque estão conseguindo se manter na zona da vulnerabilidade, porém estão muito próximas da situação de desfiliação. De acordo com Castel (1994), desfiliação é a ausência de trabalho, e o isolamento. Santos (2020), define que vulnerabilidade social está relacionada com a exclusão de cidadãos, falta de representividade e oportunidades. É um conceito multifatorial, ou seja, pode ocorrer por questões de moradia, renda, escolaridade, entre outros. Este conceito nos leva ao entendimento de que é exatamente isso que as mulheres que vivem nas ruas questionam, pois existe a falta de oportunidades de emprego, por exemplo.

Viver nas ruas para a maioria das entrevistadas dos dois textos que temos como base, é mais fácil para o homem, justificando que eles possuem facilidade de obter trabalho, poder e segurança. Uma entrevistada relata que o homem tem mais "voz" do que a mulher, tem mais facilidade para trabalhar e os outros não mexem com os homens, pois tem medo. Já outras mulheres disseram ser mais fácil para elas, pois o homem tem dificuldade em receber ajuda e a mulher tem a facilidade de obter ganhos utilizando a sensualidade.

De acordo com um levantamento feito no dia 04 de março de 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integravam a força de trabalho no país em 2019. Entre os homens, esse percentual foi 73,7%. Algumas mulheres precisam permanecer em casa para cuidar de seus filhos pequenos, o que torna um fator relevante:

A presença de crianças com até três anos de idade nos domicílios tem relação com a menor inserção ocupacional das mulheres. O nível de ocupação, proporção de pessoas ocupadas na população em idade de trabalhar, é menor

entre as mulheres de 25 a 49 anos que vivem em lares com crianças nessa faixa etária. Entre elas, o nível de ocupação é de 54,6%, enquanto a das que vivem em casas onde não há essa presença é de 67,2% (...) já quando a comparação é entre homens, o nível de ocupação sobe com a presença das crianças. A proporção dos homens no mercado de trabalho é maior entre os homens com crianças de até três anos vivendo no domicílio (89,2%) do que entre aqueles que vivem em domicílio sem a presença delas (83,4%). (IBGE, 2021)

As mulheres em situação de rua possuem uma rede social de suporte maior e estabelecem relações interpessoais mais profundas em comparação aos homens. Existem alguns elementos que diferenciam as mulheres dos homens, como as conversas entre eles, enquanto os homens falam de futebol(esporte), política e raramente de trabalho, as mulheres falam de seus relacionamentos, de saúde, doença, histórias da vida como os filhos, vivências (LOPES; BORBA; REIS, 2003, p.48).

É existente a relação sexual nas ruas, para elas o sexo é bom e prazeroso, e não se privam de relações, entretanto, as manifestações afetivas são raras e geralmente são tratadas rispidamente pelos parceiros. Muitas vezes, essas relações podem resultar em Infecções Sexualmente Transmissíveis ou gravidez. A gravidez em situação de rua, podem ser pensadas como um fator de risco social no âmbito da saúde pública, pela precariedade das condições de vida e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, intensificando a marginalidade e a miséria, a depender da trajetória. A Organização Panamericana de Saúde (OPAS, s.d.) diz:

Cerca de 830 mulheres morrem todos os dias por complicações relacionadas à gravidez ou ao parto em todo o mundo (...) quase todas essas mortes ocorreram em ambientes com poucos recursos; a maioria delas poderia ter sido evitada. Essa mortalidade materna é maior em mulheres que vivem em áreas rurais e comunidades mais pobres. Entre 2016 e 2030, como parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a meta é reduzir a taxa global de mortalidade materna para menos de 70 por cada 100 mil nascidos vivos.

Nota-se em algumas entrevistas no artigo “Desempenho Ocupacional de mulheres em situação de rua” a esperança que elas sentem em sair das ruas e viver uma vida diferente com os filhos. Carlota, uma das mulheres entrevistadas, está grávida de 7 meses, e relata que espera pela companheira que está em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) para juntas, alugarem uma casa para morar e criar o filho. Já outra entrevistada, com seu bebê no colo, se refere ao filho como agente mobilizador para mudança de vida, quando traz que em breve sairá da rua para não perder o neném, como aconteceu com os seus outros dois filhos. Diferente de alguns homens, algumas mulheres

tem um instinto materno, em querer cuidar dos seus filhos, o desejo de proporcionar oportunidades de futuro centradas na educação e de que seus filhos tenham destinos diferentes.

Em relação à violência, é ressaltado que é pior para as mulheres do que para os homens no contexto das ruas. As entrevistadas dos dois artigos escolhidos dizem que a maioria dos homens de madrugada estupra ou faz “alguma maldade”, inclusive uma delas já foi estuprada e outra sofreu violência dos ex-companheiros que estavam alcoolizados. Como busca de proteção, elas costumam dormir perto de Hospitais, ou buscam companhia para dormirem, seja companheiros ou amigos. Em contra partida, uma entrevistada afirmou não dormir na rua, buscando todos os dias dinheiro para pagar um quarto pelo medo que sente de dormir na rua. A violência é uma questão preocupante para os que vivem na rua, especialmente durante a noite, alguns optam por trocar a noite pelo dia, ou dormirem em lugares diferentes a cada noite, sendo postos policiais, mas de qualquer forma não relaxam nem descansam por inteiro, especificamente em relação às mulheres. A tentativa do homem de submeter a mulher as suas vontades, pode ser reforçada pelo status de protetor carregado por eles.

As autoras do artigo desempenho ocupacional de mulheres em situação de rua, citam as principais formas de violência física sofridas por mulheres em situação de rua:

1) violência praticada por pessoas ou grupos intolerantes a moradores de rua, com destaque para as agressões e morte de maneira cruel; 2) violência praticada entre os próprios moradores de rua, tendo como principais motivações as dívidas com traficantes, disputas por espaço, pequenos furtos, infidelidade conjugal e desavenças pessoais; 3) violência institucionalizada, de caráter higienista, tendo como protagonistas policiais, pessoas contratadas por comerciantes ou moradores que são intolerantes à presença de pessoas em situação de rua. (PRUDENTE; GONTIJO; PAIVA, 2018, p.96)

De acordo com Rosa e Brêtas (2015), a violência física é o principal tipo relatado pelas mulheres, e são causadas por pessoas ou grupos intolerantes com a situação de pobreza vivida por elas, a violência pela violência, praticadas entre as próprias pessoas que se encontram na rua, cujas principais motivações são: as dívidas com traficantes, disputas por espaço, pequenos furtos, infidelidade conjugal e desavenças pessoais; e um tipo de violência planejada, de cunho higienista, praticada por policiais, pessoas contratadas por comerciantes ou moradores que se sentem prejudicados pela presença das pessoas em situação de rua nos arredores dos domicílios, comércios, monumentos e

cartões postais da cidade; a violência sexual praticada por homens, em situação de rua ou não, e com potencial de causar danos físicos e mentais irreparáveis na mulher.

A violência sexual, pode ter começado na infância dessas mulheres, e por vezes são causas que traumatizam e desestruturam as mulheres, motivando a saída de casa e o rompimento do vínculo com a família. Infelizmente na rua esse cenário não se modifica, pois pode existir um aumento no número de possíveis abusadores como os policiais, monitores de abrigos e albergues, homens a pé ou de carro e os próprios moradores de rua. Esta realidade motiva mulheres a encontrarem um companheiro na rua, o que significa para elas que estarão protegidas, mesmo se o próprio companheiro fizer algo contra elas (PRUDENTE, GONTIJO, PAIVA, 2018).

Em relação à segurança, de acordo com elas, não existe apoio da polícia e uma entrevistada do artigo um olhar sobre as trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua, relata que seu companheiro começou a agredi-la e ela se afastou dele, mas se ela chamar a viatura eles dizem que vai levá-la para a delegacia presa, mesmo sendo vítima. Autores apontam que estas mulheres, em geral, não são entendidas por esta instituição enquanto cidadãs de direitos diversos.

A Lei Maria da Penha representou um avanço na tentativa de coibir a violência familiar e doméstica contra as mulheres, entretanto, ainda precisa ser cumprida com mais rigor. Mulheres vítimas de violência precisam de proteção efetiva para sentirem-se encorajadas em denunciar o agressor em meio às ameaças e riscos de serem novamente violentadas e até mortas. Para tal, a resposta do Estado e da justiça precisa ser mais ágil na punição do agressor, e a mulher ter, à disposição, alternativas para se livrar da violência doméstica, na ausência de apoio familiar e autonomia de renda, sem que a vida nas ruas lhe figure como única possibilidade. (ROSA;BRÊTAS, 2015)

Ao pesquisar, é notório nos sites de notícias o índice de violência contra essas mulheres em situação de rua. No ano de 2019, saiu a seguinte notícia por Patrícia Figueiredo no G1: –Apesar de representarem de 15% a 20% dos moradores de rua, as mulheres são vítimas na maior parte dos casos de violência contra a população nessa situação. Ao G1, elas relataram estupros, assédio e violência psicológica.

No site Projeto Colabora (2021), Vinicius Lima traz relatos de mulheres que vivem ou já viveram em situação de rua. Eliana Toscano, ex moradora de rua, diz que existe um

código de conduta na rua que é extremamente machista, por exemplo, se for uma mulher comprometida, é inadmissível sentar com as pernas para frente, ela tem que ficar sempre com as pernas de lado. Além disso, ela afirma que já teve que usar alguns gatilhos de proteção do machismo, como se cobrir toda e engrossar a voz, visto que o corpo da mulher na rua é muito vulnerável. Isaura, outra entrevistada e moradora de rua, diz que já foi estuprada por dois homens ao mesmo tempo e que chorou muito. Hoje ela consegue falar disso abertamente sem chorar, se considera mais atenta, ninguém mexe com ela e só dorme em grupos. A entrevistada Marcela, é travesti, mora em albergue, e diz ser melhor morar ali do que nas ruas. Afirma que os caras adoram mexer com as travestis, e que já sofreu agressões verbais e físicas. Para travestis não tem emprego, por isso muitas vão para a vida da prostituição, diferente dos homens que tem muito emprego, diz Marcela.

A vida para homens e mulheres nas ruas é muito difícil, porém como vimos para as mulheres é ainda mais complicado. Algumas mulheres que não vivem nas ruas, sofrem abusos, violência física, sexual, verbal, agora imagina aquelas que vivem ali nas ruas, dormem, fazem suas necessidades, tomam banho, trocam de roupa, sem ter seu próprio espaço, sua casa. É notório que essas mulheres lutam pela sua própria sobrevivência. Algumas buscam dormir em locais movimentados, adotam cachorros bravos, dormem com pedra debaixo do travesseiro ou com coberta, engrossam a voz para sua própria segurança, outras vendem seu corpo para conseguir dinheiro que pague um quarto para dormir, se comprometem com homens (às vezes contra sua vontade), e tudo isso com apenas um objetivo, a própria proteção.

Há uma quantidade maior de homens em comparação às mulheres nas ruas, e mesmo assim, essa diferença não limita o aumento de violência contra essas mulheres, ou seja, existem maior índice de violência contra a mulher nas ruas, do que em homens que é o maior número existente ali.

#### **4.2 – A atuação da Terapia Ocupacional nas mulheres em situação de rua**

Nos dois artigos (Um olhar sobre as trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua, 2003; Desempenho Ocupacional de mulheres em situação de rua, 2018) é citado o cotidiano dessas mulheres, a partir de suas ocupações nas quais se engajam.

As ocupações são entendidas como atividade que têm significado peculiar na vida de pessoa e representam marco para a afirmação e competência. Por vezes englobam a

execução de múltiplas atividades para sua conclusão e podem resultar em diversos efeitos, cujo conjunto pode ser entendido como Desempenho Ocupacional (DO), que é a realização da ocupação selecionada, resultante da transação dinâmica entre cliente, contexto, ambiente e a atividade ou ocupação (PRUDENTE, GONTIJO, PAIVA, 2018).

As áreas de ocupação são divididas pela Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) em: Atividades de Vida Diária (AVD) que incluem a alimentação, ir ao banheiro, tomar banho, vestir, se arrumar; Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD) que incluem o escrever, gerenciar finanças, preparo de refeições, andar em transporte público; Trabalho; Lazer; Educação; Descanso e sono; Brincar e Participação Social.

Essas mulheres vivem em situações de vulnerabilidade e desfiliação social, no que pode interferir nas oportunidades que elas tem para se envolverem em ocupações que sejam significativas, evidenciando cenários de injustiça ocupacional que ocorre quando uma pessoa ou grupo encontra sua participação social restrita em algumas ou todas as áreas ocupacionais disponíveis pela sociedade, seja necessidades pessoais, de saúde, sociais que envolva esse grupo (FIORATI, s.d.)

Fazendo um fichamento das ocupações em relação às AVDs, essa execução está diretamente relacionada à ajuda oferecida por companheiros, terceiros e instituições. Ou seja, essas mulheres precisam de ajuda para comprar alimentos ou pedir em casas, restaurantes; para material de higiene, quanto à disponibilização de espaços nos quais elas possam tomar banho, fazer necessidades especiais, lavar roupas. *“A qualidade de vida está intimamente ligada às AVDs, (...) visam satisfazer as exigências e necessidades dos sujeitos, podendo ser pensadas nas várias esferas que compõem a consistência vital, o cotidiano de qualquer pessoa.”* (BESSA; SILVA; ROSA; 2011, p. 154)

O sexo também é considerado uma AVD, pois faz parte do cotidiano de algumas pessoas, e os terapeutas ocupacionais podem favorecer a garantia desse direito retirando o tabu de ser algo inapropriado para essas mulheres. Ajudar na prevenção dos riscos que elas enfrentam e fazer parte da construção da qualidade de vida delas. Fazer ações que ajude a reforçar o conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis, prevenção, o autocuidado, orientação sexual, e que auxiliem a adoção de atitudes críticas e reflexivas no exercício da sexualidade.

AIVD's incluem preparo de refeições, comunicação por telefone, escrever ou usar computador, gerenciar finanças, cuidar de outras pessoas, mobilidade na comunidade como: se locomover como pedestre ou em transporte público e dirigir. Manutenção da saúde, compras entre outros, tudo isso faz parte das AIVD's (MOROZ, 2017).

De acordo com o artigo desempenho ocupacional de mulheres em situação de rua a maioria dessas mulheres já procuraram atendimento médico, já fizeram ou fazem algum tratamento, porém dizem serem maltratadas quando procuram serviços de saúde ou são atendidas pelos consultórios na rua. Muitas vezes os equipamentos de saúde não estão prontos para acolher as demandas específicas desta população. Algumas mulheres não procuram atendimento médico (apenas em casos graves), pois a cura para as doenças ocorreria naturalmente em decorrência do uso de drogas. A vida na rua traz riscos para a saúde como exposição a condições climáticas adversas, dificuldade em manter-se limpa, alimentar-se adequadamente, dormir bem e a impossibilidade ao acesso de tratamento para ferimentos. A maioria tem filhos, mas seus filhos vivem com outras pessoas ou sob o cuidado da justiça. Em relação a segurança e manutenção emergencial, todas utilizam estratégias para evitar a violência, principalmente pela noite.

O trabalho que é um conjunto de atividades realizadas, é o esforço feito por indivíduos com o objetivo de atingir uma meta (SIGNIFICADOS, 2020), é algo que muitas questionam, pois infelizmente não tem oportunidades de emprego para elas, como foi dito no tópico 4.1. A forma mais provável de conseguir algum dinheiro, é pedindo pelas ruas, fazendo bicos como lavar pratos, fazer alguma limpeza, cuidar dos carros, descarregar caminhões com alimentos, prostituição, roubo, tráfico de drogas. Algumas mulheres utilizam o dinheiro que conseguem para sustentar o uso de drogas. Outras relatam que não conseguem ter uma organização com o dinheiro que recebem. Outra parcela dessas mulheres, sentem o desejo de gastar com qualquer coisa/objetos, pois pensam que a qualquer momento podem morrer.

A Associação Americana de Terapia Ocupacional (2015), define Gerenciamento Financeiro como uma Atividade Instrumental da Vida Diária, que requer uma elaboração cognitiva considerável, sendo construído por etapas, que necessitam de um controle frequente, como a utilização de recursos fiscais, transações financeiras, pagamento de contas, planejamento, estruturação, organização de metas a curto e longo prazo para um melhor aproveitamento da renda. (APAE DE VIRÓRIA, 2020)

A terapia ocupacional pode atuar nesse meio, ajudando essas mulheres na questão da organização e buscando uma forma de usar esse dinheiro em algo significativo para

cada mulher, pois muitas dessas mulheres já tiveram ocupações significantes, como trabalhar em lugares fixos e usufruir desse dinheiro tendo uma boa alimentação, se cuidando, tendo seu canto para morar.

De acordo com Martinelli (2011), Marcellino (1987) define o lazer como atividades vivenciadas no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares ou sociais, as quais devem proporcionar satisfação e desenvolvimento pessoal e social, juntamente com os aspectos de atitude positiva para tal tempo. Algumas mulheres dizem que quem está na rua não se diverte, enquanto outras caracterizarão o lazer com o uso do álcool e outras drogas. A significação do uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas como lazer não se limita às mulheres em situação de rua, sendo que se torna como um dos aspetos centrais da caracterização do consumo de drogas na atualidade, independente se é homem ou mulher. (PRUDENTE, GONTIJO, PAIVA, 2018). Em contra partida, Bia, uma das entrevistadas do artigo – Desempenho Ocupacional de mulheres em situação de rua – afirma que o uso das drogas a fez parar de ter alguma atividade de lazer, sendo que quando se tem dinheiro, só se pensa na droga e não em se divertir.

Os efeitos do uso de drogas também são diferentes entre os sexos. “A mulher tem uma maior propensão a se tornar dependente do que os homens”, explica Nunes. A população feminina tende a ser mais impactada pelo uso abusivo de drogas, sofrendo de danos físicos, biológicos e cerebrais. (Hospital Santa Mônica, 2020)

A luta contra o consumo de crack foi citada por algumas mulheres no artigo desempenho ocupacional de mulheres em situação de rua, onde houve relatos de histórias de sucesso de quem conseguiu controlar o uso como da Bia que se olhou no espelho e se perguntou o que estava fazendo da vida dela, só vivendo por essa droga e a partir daquele dia ela decidiu mudar de vida e parar, enquanto a Carlota diz que luta contra a dependência, mas os amigos oferecem e fica difícil negar. Muitas vezes, para conseguir dinheiro para comprar essas drogas ou bebidas alcoólicas, essas mulheres se prostituem ou roubam.

Cada mulher tem uma participação social com algum de seus familiares, seja por telefone ou visitas, mas esse vínculo não é o suficiente para fazê-las retornarem para suas casas. Algumas dessas mulheres reconhecem as associações ou centros como o centro POP como uma rede de suporte e tem o desejo de mudar de vida ao perceberem que alguém acredita nelas.

Elas dividem opiniões sobre o morar nas ruas. Umam detestam e dizem não se acostumar, enquanto outras amam morar ali e não conseguem viver em uma casa, é o caso da Mariana que diz gostar de tudo na rua, sente saudades da frieza da noite, do papelão, que vive na rua a 25 anos e quando tentou dormir na casa da sua tia, teve que colocar o lençol no quintal da casa, pois não consegue dormir dentro de uma casa, pois se sente muito incomodada. É como diz Eronildo Paulino “*Não há lugar melhor que o nosso lar. Onde quer que eu vá, não há lugar como o lar.*” (s.d.)

A atuação da Terapia Ocupacional para com essas mulheres é extremamente importante, pois algumas delas precisam ressignificar a vida, favorecendo o empoderamento pessoal, se cuidando, traçando planos e objetivos para o futuro, mostrando que nada está perdido e que elas são mais fortes do que pensam, mesmo estando em situação vulnerável.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A compreensão da atuação da terapia ocupacional com as mulheres em situação de rua traz muito sobre a ressignificação do cotidiano, da mulher como mãe, como esposa, como trabalhadora, como pessoa, sujeito, agente de direitos. Algumas dessas mulheres perderam o sentido do que é viver, e se tornaram responsáveis pelas suas próprias violências, seja física, verbal ou sexual.

Como vimos ao decorrer, essas mulheres não tem uma segurança adequada e vivem à mercê dos homens ou da sua própria segurança. Estão excluídas das estatísticas, o que as torna eliminadas também das políticas públicas de proteção social.

A terapia ocupacional pode fazer sua contribuição e intervir em campos que têm permanecido distantes de suas preocupações, como o grupo de mulheres que estão em desfiliação ou vulnerabilidade. As atividades como: artesanal, cultural, artística, se torna um eixo organizador da intervenção, em que esses grupos podem trabalhar ou já até trabalham. Visto que a sociedade percebe essas atividades como um recurso valioso, mas infelizmente poucos terapeutas ocupacionais tem tido essa sensibilidade que se tornou uma nova demanda. (BARROS; GUIRARDI; LOPES; 1999, p.101)

A falta de estudos em relação a mulher em situação de rua e a terapia ocupacional é grande, o que causou uma limitação quanto a quantidade de artigos para essa revisão, foi difícil encontrar artigo que relatasse justamente a vivência dessas mulheres nas ruas em relevância a terapia ocupacional.

Por fim, deixo como reflexão para todos os terapeutas ocupacionais a importância desse olhar sob as mulheres em situação de rua, e a formação dessa rede. Assim também indico para que outros terapeutas ocupacionais façam pesquisas, e artigos falando sobre essas mulheres em situação de rua que precisam ser ouvidas e orientadas de alguma forma.

## 6. REFERÊNCIAS

Agência IBGE Notícias. Mulheres com crianças até três anos de idade em casa têm menor nível de ocupação. Estatísticas Sociais, Uberlândia, 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao>>. Acesso em: 11 de out. 2021.

APAE DE VITÓRIA. Terapeutas Ocupacionais desenvolvem cartilha de orientações sobre gerenciamento financeiro para cuidadores e familiares de pessoas idosas e com deficiência. 17 de dez. de 2020. Disponível em: <<https://apaees.org.br/vitoria/noticias/detalhe/terapeutas-ocupacionais-desenvolvem-cartilha-de-orientacoes-sobre-gerenciamento-financeiro-para-curadores-cuidadores-e-familiares-de-pessoas-idosas-e-com-deficiencia>>. Acesso em: 13 de out. 2021.

ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. Psicologia Clínica [online]. 2005, v. 17, n. 2 pp. 41-52. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>>. Pub. 17 Out 2006. Acesso em: 10 de out. 2021.

BARROS, D.D.; GHIRARDI, M.I.G.; LOPES, R.E. Terapia Ocupacional Social. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002.

BESSA, M. K. J.; SILVA, O. E. T.; ROSA, M. S. Mulheres vítimas de queimaduras: um olhar sobre as atividades de vida diária. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, Mai/Ago 2011, v. 19, n.2, p 153-164.

CASTEL, Robert. Da indignância à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LANCETTI, Antonio (Org.). Saudeloucura 4: grupos e coletivos. São Paulo: HUCITE1994. p. 21-48.

FENATO, L. S. T. Desfiliação, Sociabilidade e Violência. São Paulo [s.d.]. Disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab\\_comp\\_let\\_131.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_comp_let_131.pdf)>. Acesso em: 16 de out. 2021.

FIGUEIREDO, Patrícia. Minoria na população de rua, mulheres foram vítimas em 51% dos casos de violência contra moradores de rua no Brasil. GI - Globo, São Paulo, 26 de dez. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/26/minoria-na-populacao-de-rua-mulheres-foram-vitimas-em-51percent-dos-casos-de-violencia-contra-moradores-de-rua-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 09 de out. de 2021.

FIORATI, R. O trabalho como fonte identitária e móvel de inclusão em redes sociais de suporte, na sociedade moderna e contemporânea. SlidePlayer. 19 slides. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/12679068/>>. Acesso em: 16 de out. 2021.

Hospital Santa Mônica. Abuso de drogas: fatores de risco para mulheres. 11 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://hospitalsantamonica.com.br/abuso-de-drogas-fatores-de-risco-para-mulheres/>>. Acesso em: 13 de out. 2021.

HUMANOS, Secretária dos Direitos. Política Nacional para a população de rua. Guapindaia. 2014. 31 slides. color. Disponível em: <<https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/763/9/8%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20em%20Situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20RuaCarlos%20Ricardo%20%202.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

LIMA, Vinicius. Estupros, humilhações e agressões: a vida das mulheres em situação de rua. Projeto Colabora, 20 de set. de 2021. Disponível em: <<https://projetocolabora.com.br/ods10/estupros-humilhacoes-e-agressoes-a-vida-das-mulheres-em-situacao-de-rua/>>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

LOPES, E. R.; BORBA, L. P; REIS, M. A. T. Um olhar sobre as trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2003, vol. 11 nº 1.

MACKEDANZ, F. L. Usando análise temática em psicologia. Tradução. Instituto de Matemática, Estatística e Física, Rio Grande. [s.d.] luismackedanz@furg.br. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3563462/mod\\_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traduca%20do%20artigo%20Using%20thematic%20analys.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3563462/mod_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traduca%20do%20artigo%20Using%20thematic%20analys.pdf)> Acesso em: 07 out. 2021.

MARTINELLI S. A. A importância de atividades de lazer na terapia ocupacional. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, Jan/Abr 2011, v. 19, n.1, p. 111-118.

MATTOS, C. P. Tipos de revisão de literatura. Faculdade de Ciências Agrônômicas, Bocuatu, ano 2015, p. 2. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>> Acesso em: 07 out. 2021.

Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. Síntese da política para a população de rua. Governo Federal, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/sumario>>

MOROZ, A. Terapia Ocupacional (TO). Manual MSD, versão para profissionais da saúde. Jul de 2017. Disponível em: <<https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/t%C3%B3picos-especiais/reabilita%C3%A7%C3%A3o/terapia-ocupacional-to>>. Acesso em: 16 de out 2021.

Organização das Nações Unidas. Relatório da Relatora Especial sobre moradia adequada como componente do direito a um padrão de vida adequado e sobre o direito a não discriminação neste contexto. 30 de dez. de 2015. Disponível em: <<https://terradedireitos.org.br/wpcontent/uploads/2016/11/Relat%C3%B3rio%20Popula>>

[C3%A7%C3%A3o-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua.pdf](#)>. Acesso em: 16 de out. 2021.

Organização Pan Americana de Saúde. Saúde materna. [s.d.]. Disponível em: <[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:S\\_XbA0VLM2kJ:https://www.paho.org/pt/node/63100+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:S_XbA0VLM2kJ:https://www.paho.org/pt/node/63100+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 13 de out. 2021.

PAULINO, Eronildo. Pensador. 7 graus, 2005 – 2021. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MjM3MTI4Mg/>>. Acesso em: 17 de out. 2021.

PRUDENTE, T. C. B.; GONTIJO, D.T.; PAIVA, R. B. C. Desempenho ocupacional de mulheres em situação de rua. Ver. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2018, v.2(1):85-108

RODRIGUES, L. Estudo revela tamanho da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 11 de out. 2021.

ROSA A. S.; BRÊTAS A. C. P. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/8T6c9LN8dqCzSJRFyypZDbT/?format=pdf&lang=pt>>

SANTOS, A. P. Vulnerabilidade Social: o que significa esse conceito? Politize, 17 de set. de 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/vulnerabilidade-social/>>. Acesso em: 10 de out. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução por: LOURO, L. G. Revisão por: SILVA, T. T. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>>.

SIGNIFICADOS. Significados do trabalho. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/trabalho/>>. Acesso em: 11 de out. 2021.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arq. bras. psicol.* [online]. 2019, vol.71, n.2, pp. 51-67. ISSN 1809-5267. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67>